

---

## Juventudes, tecnologias digitais e novas linguagens: a necessidade da compreensão e o acolhimento da escuta<sup>1</sup>

Cláudio Márcio MAGALHÃES<sup>2</sup>

Diego DE DEUS<sup>3</sup>

Instituto Dânia de Paula, Belo Horizonte, Minas Gerais  
Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, Minas Gerais

### RESUMO

Os jovens não estão bem. Nunca a humanidade esteve em tanto sofrimento mental, e eles são a sua principal vítima. O artigo propõe tentar entender o que se passa a partir de três pressupostos causais: a individualização causada pelo consumismo, o uso da tecnologia no seu sentido inverso e a confusão entre referência e pertencimento. As observações foram colhidas a partir dos depoimentos de jovens em sala de aula quando instigados a falar de seus sentimentos com relação ao uso das redes sociais digitais. Como conclusão, algumas propostas de como ajudá-los a partir da compreensão da contemporaneidade, do uso da tecnologia e, principalmente a escuta dos próprios jovens em busca de uma qualidade mental apropriada.

### PALAVRAS-CHAVE

Juventudes; saúde mental; sofrimento mental; tecnologia; redes digitais.

### RESUMO EXPANDIDO

#### INTRODUÇÃO

No Século XXI há algo estranho: ao que tudo indica, pela primeira vez na sua história, a humanidade se vê envolta de um fenômeno preocupante, em que seus indivíduos se matam mais a si próprios do que ao semelhante (Dahlberg; Krug, 2007)<sup>4</sup>. E os jovens – que deveriam estar no ápice do desejo pela vida – são sua maioria. O que está acontecendo? O que as tecnologias de comunicação têm a ver com isso? E,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Educação do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Educação, professor visitante da PUC Minas, coordenador do Instituto Dânia de Paula. [claudiomagalhaes@uol.com.br](mailto:claudiomagalhaes@uol.com.br)

<sup>3</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. [diegodeus.bot@gmail.com](mailto:diegodeus.bot@gmail.com)

<sup>4</sup> No fechamento deste artigo, foi divulgado o 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública referente ao ano de 2023 com a revelação inédita que policiais morreram mais por suicídio do que em confrontos naquele ano. Disponível em: [Anuário Brasileiro de Segurança Pública - Fórum Brasileiro de Segurança Pública \(forumseguranca.org.br\)](http://Anuário Brasileiro de Segurança Pública - Fórum Brasileiro de Segurança Pública (forumseguranca.org.br))

---

principalmente, o que podemos fazer? Uma pesquisa realizada pelo jornal Folha de São Paulo,<sup>5</sup> a partir de levantamento foi feito por meio da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do Sistema Único de Saúde (SUS), entre 2013 e 2023, mostrou que, pela primeira vez, crianças e adolescente superam os adultos em casos de ansiedade.

Conforme o estudo, a taxa de pacientes de 10 a 14 anos atendidos por ansiedade é de 125,8 a cada 100 mil, e a de adolescentes é de 157 a cada 100 mil. Em contrapartida, entre as pessoas com mais de 20 anos, a taxa fica na casa dos 112,5 a cada 100 mil, especificamente com relação aos dados de 2023. Os jovens assumiram a primeira colocação a partir de 2022. O levantamento ainda observou uma queda no chamado senso de pertencimento escolar, com base em dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), de 2022.

Conforme Fernández-Planells, Masanet e Figueras-Mas (2016), as novas tecnologias oferecem tanto riscos quanto potencialidades na construção da identidade dos adolescentes em sua socialização. Segundo dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)<sup>6</sup>, as condições de saúde mental são responsáveis por 16% da carga global de doenças e lesões em pessoas com idades entre 10 e 19 anos. Além disso, metade de todas as condições de saúde mental começam aos 14 anos de idade, porém, a maioria dos casos não é detectada nem tratada. Diante deste cenário, este trabalho tem o objetivo de descrever os principais dilemas psicossociais enfrentados por jovens no ambiente universitário e no cotidiano, ambos atravessados pelas especificidades da contemporaneidade.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Os resultados foram obtidos por meio de uma série de encontros em sala de aula com estudantes de graduação nos seus primeiros períodos do curso de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas). Ao longo dos últimos quatro anos, cerca de uma dezena de turmas com média de 20 alunos foram fontes de dados, sempre a partir de uma aula específica sobre a saúde mental dos jovens frente às redes sociais. Tais atividades começaram a partir de uma eventualidade, de uma aula não programada neste sentido, quando a original era fabulosa, daquelas com dezenas de slides

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2024/05/registros-de-ansiedade-entre-criancas-e-jovens-superam-os-de-adultos-pela-1a-vez.shtml>

<sup>6</sup> Saúde Mental dos Adolescentes. OPAS/OMS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>

---

cuidadosamente desenhados. Tão cuidadosamente preparados que o professor ficou refém.

Assim, quando em sala, e percebendo-se que não havia o equipamento necessário para a sua exibição, acometeu-se de um branco acadêmico, não se sabia nem por onde começar sem as muletas audiovisuais. Mas tinha o improviso, conseguido ao longo de anos de imprevistos semelhantes. Uma das ferramentas favoritas para sair desses apertos é transferir o protagonismo aos estudantes. Aprende-se muito com eles quando se dá condições para que se manifestem.

Era uma dúvida sincera, que realmente um dia era preciso investigar com mais cuidado, então foi uma oportunidade perante o imbróglio do equipamento. Como a aula era sobre algo como filosofia da tecnologia, escreveu-se no quadro, em letras garrafais, o que seria o tema do dia, em que o professor esperava escutar mais do que falar: “O que você está sentindo?” Claro, o recorte era sobre o uso das redes sociais e as novas tecnologias de informação e comunicação. O que veio a seguir foi uma avalanche de depoimentos que demonstravam o enorme sofrimento mental que estavam passando esses jovens. O estarecimento com as lágrimas, a sinceridade, a necessidade de expor até mesmo suas questões íntimas, fez daquela experiência catártica uma aula permanente, em qualquer disciplina que ministrasse dali em diante. Muito por poder oferecer um espaço de escuta, muito para poder oferecer palavras de conforto, Conhecimento e percepção para entender o momento que, em grande parte, os jovens não tinham responsabilidade, mas estavam sendo conduzidos dentro de uma sociedade consumista e excludente.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Han (2010) descreve os principais aspectos da sociedade contemporânea ao caracterizá-la como Sociedade do Cansaço. O autor foca, especialmente, ao excesso de estímulos positivos existentes na contemporaneidade que, ao contrário do que a expressão “positiva” detém, não oferece muitas coisas de bom. Em suma, Han (2010) demonstra de que maneira metas, o mercado de trabalho contemporâneo, a transformação de relações em produtos, comparações e a sede insaciável de “sempre conseguir mais” tornam o indivíduo contemporâneo escravo de si mesmo. Isso leva-o à ansiedade, angústia (por não alcançar o que foi inicialmente projeto e, na maioria das vezes, fantasiado) e, finalmente, ao cansaço.

---

Sempre haverá um estímulo para produzir mais, de modo a afastar a negatividade, a contemplação, em última instância, ao próprio descanso. Mesma lógica da sociedade do consumo, em que o tempo é transformado em dinheiro e, portanto, todo o tempo precisa ser voltado para a produção de algo. Questões sobre estudos, mercado de trabalho, plano de carreira entre outras “necessidades” estimuladas e cobradas pela sociedade do consumo, podem afetar ainda mais esses jovens.

Pondé (2020) afirma que os jovens são um doente terminal de expectativas. Eles devem entender de coisas que ainda não possuem repertório para tal, como política, relacionamentos afetivos, decisões morais e éticas, um conjunto de temas que apenas o repertório de experiências de vida capacita alguém. No âmbito das redes sociais digitais, Han (2017) discute tal aspecto em uma obra intitulada Sociedade da Transparência, na qual identifica um excesso da necessidade de exposição. Os mundos digital e real se fundem e, o primeiro, geralmente, tende a ter mais relevância para a construção dos laços afetivos e, não obstante, à própria formação da personalidade alheia.

Boyd (2014) afirma que, raramente, os jovens são vistos como merecedores de qualquer agência e, ainda, são julgados com base no que escolhem fazer. As pessoas tendem a pensar que sabem tudo sobre a juventude, seja porque já foram jovens ou porque são pais de um. Como pesquisadores, fizemos dessas experiências um arcabouço de entendimentos do que se passa com esses jovens, para, então, retornar a eles.

Mas tal aspecto é, muitas vezes, jogado nas costas dos jovens, como se assim eles fossem, um bando de egoístas preocupados apenas com seus hormônios e seus interesses particulares. O que não se percebe é que a busca pelo individualismo tem sido uma opção da humanidade desde a Revolução Industrial, dado que o consumo de produtos e serviços são mais rentáveis quando são pessoais. Todos já vivenciamos esta mudança *in loco*.

Somos seres gregários, que vivem em bando, como os chimpanzés e os pinguins. Não somos uma espécie solitária, tipo tigres e ursos-polares. Em bando, a gente mata tigres e ursos-polares. Sozinho, viramos comida deles. Como não existe almoço grátis, quando nos colocamos contra a natureza, ela nos retorna em força equivalente: o falecimento gradual do corpo (embora ela insista em nos dar sinais e chances), como se ela dissesse que, já que não me conformo em ser como sou, não há mais sentindo na existência.

O sofrimento mental por qual passamos nada mais é do que nossa briga infrutífera por tentarmos ser o que não somos. Até 2015, segundo a Organização Mundial da Saúde,

---

“todos os anos, mais pessoas morrem como resultado de suicídio do que HIV, malária ou câncer de mama - ou guerras e homicídios”<sup>7</sup>. O suicídio é a segunda causa de mortes entre as jovens de 10 a 19 anos e a quinta entre os rapazes. Faz sentido isso? Somos uma raça violenta, sabemos... e temos essa péssima característica de matarmos uns aos outros ao longo de nossa história, mas é a primeira vez que nos matamos mais, traço típico da Sociedade do Cansaço, onde, ao mesmo tempo, somos a presa e o predador (Han, 2010).

Se a pedra lascada nos fez gastar menos energia, esforço, tempo para caçar e tirar a pele de um coelho para o almoço, foi para que tivéssemos menos pressa para comer... e para liberar nossa mente ao ócio necessário para criar novas formas de melhorar nossas condições de vida e exercer nossa capacidade de criar (Citelli, 2023). E o que vemos agora é uma tecnologia que usamos ao contrário: para que fiquemos sobrecarregados de tarefas, exaustos em perseguir uma onisciência nas redes, em responder aos inúmeros sininhos nos pedindo uma intervenção.

## RESULTADOS E ANÁLISE

Os depoimentos dos jovens são queixas de como eles mesmos se sentem inúteis após passar duas horas no *Tik Tok* vendo uma série de ideias que eles pensam em um dia aplicar e, ao fim do dia, se percebem altamente frustrados em nada produzir. E também vem das redes sociais digitais outro sinal invertido da nossa natureza, e que afetam diretamente os jovens e sua saúde mental. De acordo com Boyd (2014), é necessário desmitificar a ideia de “nativos digitais”.

Definitivamente, os jovens nasceram em um contexto permeado pelas conexões digitais, assim como fazem o uso ativo de suas participações em comunidades on-line. No entanto, isso não significa que tenham conhecimento ou capacidades inatas para tirarem o maior partido das experiências digitais (Boyd, 2014).

Bem, referência é também uma das características de nossa cultura. Incompletos ao nascermos – numa prematuridade de duas décadas até ficarmos prontos biologicamente – entramos no mundo à procura de modelos. Como é essa coisa complexa de ser ser humano? Daí, olhamos para os céus, para os heróis, os ídolos, os mitos, os, não

---

<sup>7</sup> OPAS: Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. 17 jun. 2021. Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>

---

por coincidência nominal, exemplares. Somos um belo grupo gregário, caminhante, caçadores e coletores. Já o pertencimento é onde estamos.

Se confundem os campos: os jovens devem se simpatizar com seus iguais – simpatia do grego *syn*, junto, mais *pathos*, de sentimento. Ou seja, é sentir *juntos*. Mas não sempre dentro do sentimento, que seria a *em*-patia. E o que podemos fazer? Primeiro, nada de culpabilização. Tentamos convencer que tudo isso vem já de um plano secular, de individualização requerida pelo capitalismo originário da Revolução Industrial, quando o sujeito individual consome mais se em grupo.

Deveria ser obrigação dos adultos está apontando, como referência; acolhendo, como pertencimento; e não gritando como um *coaching* com fetiche militarista. Um dos jovens, que trabalhava em dois empregos que gostava, testemunhou que, em comparação a um colega e suas postagens “positivas”, sentia que ainda estava sempre devendo, “de estar em um lugar onde ainda não devo estar”.

Os pais encontraram a rede social um ótimo sensor de monitoramento de suas crias, como aqueles brincos de gado. Mas, com razão, são preocupantes enquanto porta de entrada para aproveitadores da ainda incompleta cognição dos jovens. O problema é maior nos maiores: mais de 70% dos problemas da escola básica, de acordo com os coordenadores, vem do grupo de *WhatsApp* dos familiares<sup>8</sup>. Os jovens sofrem por serem incentivados e conduzidos para a fora de sua natureza gregária, uma sociedade que insiste que primatas devam ser felinos, só porque a pele é mais vistosa. Sofrem porque estamos usando a tecnologia no sentido contrário, não para termos ócio criativo, mas para exaurirmos nossas parcas energias.

E porque estamos lhes tirando as referências, ou as desprezamos, em prol de uma ideia equivocada de que “somos todos a mesma coisa”. Daí, um bando de adultos, querendo ser jovens eternos, querendo ser iguais aos filhos – principalmente pelo consumo – e confundindo ainda mais a cabeça já conturbada de quem está em transição. Ribeiro e Guerra (2020), ao pensar em soluções de prevenção ao suicídio dos jovens nos dá as principais dicas sobre como olhar para a rapaziada: “Os jovens nos darão muitas dicas por meio de seus silêncios excessivos e de seus atos, que têm uma função e querem dizer alguma coisa.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fazer? Para quem os escuta, é importante dar um bom lugar à palavra, levar a fala do sujeito ao pé da letra, independentemente da estrutura clínica”. Como esperamos ter demonstrado, tudo isso partiu de um dia, quando não tinha nada a dizer, eles me disseram tudo. “Dar lugar à palavra é também um modo de o sujeito sair da invisibilidade” (Ribeiro; Guerra, 2020, p.7).

Na nossa linha do tempo, ali uns 300 mil anos, só de uns 160 mil começamos a nos comunicar por símbolos, e logo ali realmente inventamos coisas como escrita. Ou seja, temos muito mais experiência em comunicação sem os formalismos de uma língua. Dá para acreditar um pouco nos nossos instintos, na nossa linguagem corporal e sensitiva, e menos na razão semântica. Daí nos abriremos mais aos jovens, fortalecer nossa escuta e aplicar nossa sabedoria de acolhedores e referências. E aprender com eles.

## REFERÊNCIAS

BOYD, Danah. **It's Complicated: the social lives of networked teens**. London/New: Yale University Press, 2014.

CITELLI, Adilson. **In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2023, Belo Horizonte.

DAHLBERG, Linda, L.; KRUG, Etienne, G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(Sup): p. 1163-1178, 2007. Disponível em: [pt \(scielosp.org\)](http://scielosp.org). Acesso em: 18 de julho de 2024.

FERNÁNDEZ-PLANELLAS, A., M-J. MASANET, M. Figueras-Maz. **TIC i Joves. Reflexions i reptes per al treball educatiu [ICT and Youth. Reflections and Challenges for the Educational Work]**, Barcelona: Generalitat de Catalunya, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ; Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução: Tradução: Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ; Vozes, 2010.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Você é ansioso? Reflexões sobre o medo**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

RIBEIRO, Carolina N.; GUERRA, Andréa, M. C. Adolescência, atos e o risco de suicídio. **Psicologia**. USP, 2020, (31), pp.1-9.